

A dívida externa e o fim da crise

Quando o problema da dívida externa se manifestou em 1982, os países credores sentiram que o sistema financeiro internacional estava ameaçado. O problema era muito grave, uma bomba com estopim aceso que prenunciava uma catástrofe mundial. Da mesma forma que o México, outros países, como o Brasil, Argentina, Hungria, Chile e Filipinas, tinham dívidas que não podiam pagar a curto prazo e, a menos que fossem adotadas medidas urgentes, o desastre seria inevitável. Haveria quebra de bancos credores em vários países, seguida de outras

falências, numa reação em cadeia que desencadearia uma crise com reflexos em todo o sistema financeiro internacional.

A catástrofe foi evitada. Governos, instituições financeiras internacionais e bancos comerciais se uniram num esforço conjunto para enfrentar a situação e, graças às medidas adotadas, conseguiram afastar o perigo que ameaçava a todos. O exame da situação econômica de cada país devedor, o reescalonamento da dívida com fixação de novos prazos de pagamento, a incorporação dos juros ao principal da dívida e a concessão

de novos empréstimos, para manter o ritmo de desenvolvimento dos endividados, foram algumas das saídas encontradas para evitar a insolvência e o caos.

Entretanto, a pergunta que muitos fazem é se o sistema financeiro internacional conseguiu sair da crise com os remédios aplicados até agora ou se continua ameaçado por um mal latente que poderá reaparecer de uma hora para outra.

A exemplo de outros economistas, Michel Camdessus, diretor do Banco da França, põe em dúvida a eficácia das medidas empregadas para

afastar os riscos de uma crise futura, de proporções tão sérias como a que foi evitada. Em artigo publicado na revista *Politique Internationale*, ele afirma que o essencial para superar a crise ainda não foi feito, pois o problema não pode continuar sendo tratado apenas em termos de liquidez, mas deve ser considerado também sob o aspecto de solvência. Para ele, só se poderá falar em fim de crise, quando os países devedores chegarem a um nível de endividamento que possam suportar a longo prazo, sem reduzir o ritmo de crescimento necessário à sua sobrevivência.

